



ecendo **poemas**

Vol. VIII

Ademir Pascale
organizador



ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-01-56198-1
2025
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

MINHA MÃE, POR ALINE RAFFA, PÁG. 05
UM POEMA MOÇO, POR ANDREA VILLA-LOBOS, PÁG. 07
RASPO TRISTEZAS, POR CISTERNA DE LUZES, PÁG. 09
PINGA NÃO É CACHAÇA, POR EDISON HELENO, PÁG. 11
PARA AQUELE QUE UM DIA AMEI, POR FABIOLA BOAVENTURA SILVA FITTIPALDI, PÁG. 15
CAMÕES, O HERÓI DAS LETRAS, POR GERALDO LEMOS, PÁG. 18
A POESIA DO ESCREVER, POR JAFF SILVA, PÁG. 20
IREI VOLTAR, POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA, PÁG. 22
TRAÇOS POÉTICOS, POR MARILU F QUEIROZ, PÁG. 24
VAZIO, POR MOIRA, PÁG. 26
A CHEGADA, POR ROSANE JOVELINO, PÁG. 28
FLUIDEZ, POR ROSANE JOVELINO, PÁG. 30
SOMOS MENOS MUNDO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 32
AZUL E VERMELHO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 35
EMBRULHADOS, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 37
FOCO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 39
ENTRE LAÇOS NATURAIS, POR SILVANA CÂNDIDO, PÁG. 41
A GAROTINHA EM MIM, POR VICTOR HUGO LEVINDO, PÁG. 43
SOB TEU OLHAR, POR VINICIUS AUGUSTO DE SOUZA, PÁG. 45
BUSCO, POR VINICIUS AUGUSTO DE SOUZA, PÁG. 47
SOM DO QUE SINTO, POR VINICIUS AUGUSTO DE SOUZA, PÁG. 49
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 51



ecendo **poemas**

Vol. VIII

Ademir Pascale
organizador



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Minha mãe

Por Aline Raffa

Aline Rafaella de Souza é graduada em Letras/Literatura, pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). Mestra em Letras, pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), da UNICENTRO), área de Interfaces entre língua e literatura. Atualmente, é professora de Literatura no Ensino Fundamental e compõe músicas e poemas.

Minha mãe é uma figura.
Como eu posso descrever?
Ela tem uma doçura
Que nem sorvete pode ter.

Ela é uma professora?
Porque sabe me ensinar.
Ensina tudo o que ela sabe.
Aprendeu isso em que lugar?

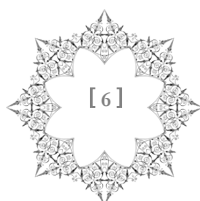
Ela é médica, será?
Porque consegue me curar.
Cura a dor do coração
Quando vem me abraçar.

Pode ser uma motorista
Ou piloto de avião.
Quando eu preciso de um caminho,
Ela sabe a direção.

Ela pode ser modelo,
Mas não só pra desfilar.
Um modelo a ser seguido,
Pra aplaudir e admirar.

Ela é uma zeladora?
Porque zela bem de mim.
E como consegue tanta coisa?
Ela tem a lâmpada do Aladdin?

Ela é tudo em uma só.
Isso todos podem ver.
Mas ela tem mesmo uma doçura
Que nem sorvete pode ter!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Um poema moço

Por Andrea Villa-Lobos

Andrea Villa-Lobos é Psicóloga. Escreve poemas e outros gêneros, sob um discreto viés filosófico/psicanalítico, para tanto mergulha na complexidade das relações humanas, refletindo sobre a natureza da poesia/prosa e linguagem em traduzir a essência das emoções. Livros recentes: Réstia... um movimento na penumbra, 2020 (Glaciar), Onde cravam os dentes, 2022 (Primeiro Capítulo), Recortes do vazio, 2021 (Penalux), Não o amor, mas os arredores (Kotter) 2023. Faz parte da Coleção Insubmissas (Mondru), com Prelúdio da pequena morte.

Gosto de ver um poema, pétalas dançando ao vento
sentir o alvoroço por dentro, do olhar de passagem
de um encantador moço que distraidamente passa.

Gosto de tocar o poema, qual instrumento
encher a mão, acariciar, sentir o pulsar
todas as notas, acordes e compasso.

Gosto de ver, cheirar e tocar
– pétalas da flor que se abre –
o poema, o moço, a fruta
com as pontas dos dedos
mãos inteiras, dentes, lábios
e com a alma incendiada.

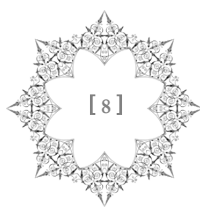
Gosto de ver o poema como se fosse
o moço que passa em plenitude.

Gosto de sentir o poema: pernas, pés, pegada,
rastro, o cheiro que atíça e incendeia.

Na centelha, a graça das coisas sagradas
e as vibrações profanas em acordes, metáforas
sintaxe, ritmo, semântica... ressoar de alaúdes
que arrebatava e leva

à pequena morte,

à glória, à des-graça.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Raspo tristezas

Por Cisterna de Luzes

O autor é nascido e residente em Jaguarão, Rio Grande do Sul. É titular da cadeira 26 da Academia Pelotense de Letras e titular da cadeira 145 da Academia Brasileira Rotária de Letras. Agrônomo, Economista e Advogado (OAB 13339). Já publicou 15 livros. Colaborador de crônicas em jornais, escreve filosofias poéticas, contempladas em diversos gêneros literários.

Quem disto ou disso lerá? Quem me aconselhará? Será que sou triste porque existo?

Será que sou alegre porque falar disto eu consigo?

A alegria é a tristeza encharcada na água molhada.

A tristeza é a alegria clarificada na água ensanguentada.

Tudo isso ou isto são caminhos e descaminhos... contrabandos de outros bandos, de outras terras, de outras Inglaterra...

O humor está no beija-flor e na flor, no líquen e na erva-de-passarinho, parasita altaneira, enredadeira viscosa e piscosa.

O parasita me enreda em águas tristes, em cacimbas acima e abaixo de mim, onde o franzido tapete escuro me permite limpar sapatos e assoalhos. . .

Raspo solas, solo, só, obsequioso de mim.

Limpo higenes, conserto cordões e botões...

Raspo tristezas nos tapetes dos tapumes das fortalezas...

Subo em meus Andaimos Aéreos, sepulto minhas graxas e minhas graças...

Isso não é engraçado, isso ou isto é apenas a vida que me convida para viajar, de vez em quando, no terno e no inferno.

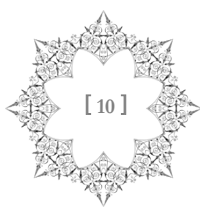
Passeio pelas calçadas de minha vida, voejo enfeites e querubins.

Visito estradas rotas, marotas desilusões e porões.

Viajo a viagem dos humanos, sou pó, sou poeira, sou humilde, sou... também, desumano e altaneiro, pano que me veste, touca que me espelha nos meus espelhos deste meu interno toucador... sentinela afastada, porteira desprezada...

Sessão, se são, focos ou fogos ou lares ou Deuses Lares, se são com cenas de antemão apropriadas... por mim, por ti, quem me falará do fogo de Santelmo ou do Corpo-Santo?

Que luzes fugazes, bravas e bravias, quem me assobia nos meus mastros e nos meus astros?





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Pinga não é cachaça

Por Edison Heleno

Edison Heleno nasceu em 1948, numa fazenda entre Cipotânea e Rio Espera (MG), onde passou a sua infância. Dos 11 aos 14 anos, estudou no Seminário de Petrópolis (RJ). Aos 17, mudou-se para Belo Horizonte. Formou-se em Contabilidade e Administração de Empresas. Foi proprietário de escritório contábil, professor e diretor de Colégio Comercial. Aposentou-se na Cemig. Publicações: A História do Cavalo na Janela e do Menino no Curral (Revista Crianças, 2021); Livros: No tempo da Onça (2022) e O Menor Viajante (2025).

Alguém quis uma cachaça,
Lhe serviram uma pinga,
No buteco lá da praça,
Descansada na muringa.

Gosto e caligrafia,
Cada um possui o seu,
Espalhar o que sabia,
Nesse instante resolveu.

Esse seu conhecimento,
Só p'ra si não quis guardar,
Sem nenhum constrangimento,
Começou a divulgar.

Pinga é somente pinga.
Não confunda com cachaça!
Essa confusão só vinga,
Porque são da mesma raça.

Produzir com qualidade,
Não é tão difícil não,
Não precisa faculdade,
Só muita dedicação.

Use a oportunidade,
Foque na orientação,
Não é a velocidade
Que melhora a produção.

O fermento natural,
Alimenta a bactéria,
Num espaço temporal,

Transformando a matéria.

Uma cana bem vistosa,
Não é o suficiente,
Brix é coisa preciosa,
Qual limpeza do ambiente.

P'ra fazer boa cachaça,
Necessário é o capricho,
No momento da fumaça,
Saber descartar o lixo.

Assim como o corpo humano,
Que tem mais de uma parte,
Não se pode por engano,
Confundir o que é descarte.

Cabeça, cauda, coração,
São as partes principais,
Esta é uma separação
Para esquecer jamais.

Da cabeça é muito forte,
Seu consumo é proibido,
Se tomar pode ir à morte,
Antes do tempo devido.

A cauda que é a rabeira,
Também deve jogar fora,
Se juntar com a primeira,
A mistura ainda piora.

No meio tem coração,

Que é a parte mais saudável,
Beber com moderação,
Sempre é aconselhável.

Ao pingar lá na biquinha
É desprovida de cor.
O tonel com torneirinha
Lhe acrescenta até sabor.

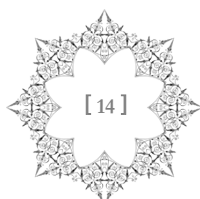
Uns preferem incolor
Ao invés daquela escura,
Dando-lhe maior valor
Por julgá-la ser mais pura.

Colorir foi importante,
Para a sua expansão
Nasceu essa variante
Visando a exportação.

P'ra saber sua excelência
Desconheço outro jeito,
Ou pesquise a procedência,
Ou aguarde o seu efeito.

Seja pinga ou seja a pura
Tem aquela queimação,
Quem procura só zonzura,
Não faz discriminação.

Quando ainda antigamente,
Dipirona não se usava,
P'ra curar a dor de dente
Com uma dose bochechava.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Para aquele que um dia ameí

Por Fabiola Boaventura Silva Fittipaldi

Fabiola Fittipaldi é professora de língua portuguesa e língua espanhola da rede pública e privada no estado do Rio Grande do Sul. Começou a sua paixão pela escrita ainda na infância quando escrevia poemas sobre amores ainda não vividos. Ama o período literário romancista e o usa para inspiração de seus textos.

Talvez eu tenha representado um dilema que você preferiu evitar.
Talvez o afeto que causava receio de desfecho infeliz,
e por isso optou pela escolha mais prudente, para não sofrer.

Mas eu...
Fui intensa.
E você, distância.

Sou aquela que você imaginou deixar para trás.
Mas permaneci — como rastro de perfume após um longo abraço.

Eu fui sua exceção à regra.
Fui a aventura que não ousou viver.

Me afastei, não por fragilidade,
mas por respeito à sua decisão.
Pois o amor, quando genuíno,
também sabe a hora de ir.

Você nunca almejou saber o que eu sentia.
Porque, no íntimo, você já tinha a resposta.

Sou a memória que se nega a desaparecer.
Sou a sua nostalgia contida.

Fui a melhor parte da sua incerteza.
E você, o pior da minha convicção.

Você sentiu receio de mim.
Medo do que eu provocava.
Pois se tivéssemos ido além — de corpo e alma —
e eu desejava... ah, como desejava...
você perceberia que não haveria retorno.

E por isso escolheu a serenidade.

A estabilidade.

Optou pela mulher que não despertava paixão em você,
mas também não perturbava seu sono.

Você mencionou que foi um equívoco,
mas que não se arrependia.

E eu concordo.

Pois alguns equívocos guardamos no corpo,
como uma bela cicatriz —
daquelas que deslizamos os dedos e recordamos com ternura.

Eu também não me arrependo.

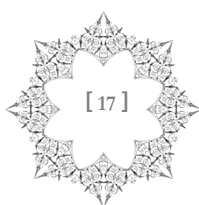
Pois você me mostrou o quão intensa, vibrante, desejada eu sou.
E mesmo que o tempo tenha avançado,
você não me esqueceu.
Nem esquecerá.

Se algum dia — na quietude da tua cama —
você fechar os olhos e recordar do que não vivemos...
que recorde com deleite,
com nostalgia,
e com o coração aflito.

E que seja com aquele mesmo assombro de outrora,
com aquele mesmo anseio,
com aquele mesmo pensamento que você omitiu,
mas que eu percebia no teu olhar:
“Como é possível alguém me amar tanto assim?”

Desejo que minha falta te consuma mais
do que meu toque teria consumido.

Daquela que seria tua pele, tua ruína, teu amor completo.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Camões, o herói das letras

Por Geraldo Lemos

Bacharel em Odontologia (UFVJM, 1999), Especialista em Odontopediatria (UFVJM, 2003), Especialista em Ortodontia (UFVJM, 2010), Especialista em Implantodontia (UNIASSELVI, 2013), Habilitação em Sedação Consciente e Analgesia Inalatória (ABRASCO, 2015), Especialista em Maçonologia: História e Filosofia (UNINTER, 2018), Bacharel em Administração de Empresas (UNINTER, 2022), Mestre em Prótese Dental (SLMANDIC, 2023), Mestre Maçom Instalado, membro da A. R. L. S. Estrela Maior de Turmalina nº 243 do G. O. M. G., Membro Correspondente da A. R. L. S. Virtual Lux in Tenebris nº 47 da G. L. O. M. A. R. O. N., Grau 09 do R. E. A. A. e M. R. do Arco Real Americano.

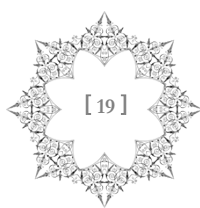
Ó, imortal Camões, herói da literatura universal,
Há cinco séculos nasceste em Portugal.
Das marolas do Tejo para o grande mar,
Teu verso navegou sem nunca naufragar.

Cantaste o amor, as glórias e a dor,
Em cada estrofe, o eco de um trovador.
Começaste por mares nunca dantes navegados,
Terminaste com ninfas embaraçadas.

Língua lusa moldada em brasa e mel,
Tu que deste à Pátria um céu de papel.
“Os Lusíadas” erguendo-se como um farol.
Guiando os navios sob a lua e o sol.

Nas batalhas da África, tornaste-te monocular,
E ainda assim, consegues tudo enxergar.
Hoje, lembramos-te, mestre da razão,
Pois em cada verso pulsa o coração.

Ó, Camões, poeta do mundo sem fim,
Tua luz brilha como clarim.
Mesmo muito tempo depois, és voz que jamais se cala,
Patrimônio da Terra, glória que exala.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A poesia do escrever

Por Jaff Silva

Jaff Silva nasceu em Ijuí-RS, é casado e tem duas filhas. Na UFMG, cursou o bacharelado e o mestrado em Física. Obteve o doutorado em Ciências na Universidade de Genebra (Suíça). É professor titular aposentado da UFMG. Em fevereiro de 2025, publicou de forma independente o seu primeiro livro de poesia, "Versos Sem Dó", na Amazon-BR via a plataforma KDP

(link: <https://www.amazon.com.br/dp/B0DY31Y1V4>). As versões em português, inglês, francês e espanhol estão na forma digital. Versões bilíngues (português/língua estrangeira) foram publicadas como brochuras. Vários REELS de poemas, inclusive o publicado aqui, estão disponíveis no Facebook

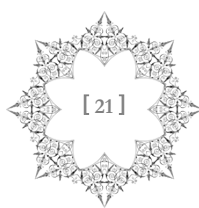
(link: <https://www.facebook.com/jaffersonkamphorstleal.dasilva>), no Instagram (@jaffkamphorst) e no YouTube (@Jaffkamphorst).

Escrevo poemas como quem tece vidas.
As linhas do meu bordado são coloridas:
O vermelho tão alegre, o branco da pureza,
O amarelo do amor e o preto da tristeza.

Vivo um poema como quem vive uma vez,
Com paixão, desesperança e delicadeza.
Escrever um verso é viver só numa ilha
E, ao mesmo tempo, conviver em família.

Convivência é a gema que lapidamos,
Desde o raro instante em que nos apaixonamos,
Para criar o amor, nosso poema-sonho.

Nos sonhos, alinhavamos todos os versos
Para bordar o mosaico da nossa vida,
Poema que declamamos ao universo.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Irei voltar

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Escritor, poeta, contista, letrista de várias músicas. Publico poemas mensalmente na REVISTA CONEXÃO LITERATURA e bimestralmente no Jornal JCP em Cruz Alta- RS. Em Lisboa tenho participação em vários projetos da Editora Colibri. No Projeto MUNDO(S) iniciei na edição 06 até a Edição 24. Atualmente participo com outros 30 escritores nos Projetos: Escrever CAMÕES; Escrever ANTERO DE QUENTAL; Escrever FERNANDO PESSOA(S) e... Escrever BOCCAGE.

Sou autor de 4 Livros de Poemas e de 2 Romances. Foi-me atribuída uma Menção Honrosa pelo meu Poema Publicado no Livro VII PRÊMIO MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA. Com grande honra recebi o CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO pela magnífica e relevante contribuição em prol da Literatura Nacional. Com imenso orgulho fui designado EMBAIXADOR DE LITERATURA pela ACADEMIA INTERNACIONAL DE LETRAS E ARTES de Cruz Alta-RS.

Ah! Noite tão escura
Todavia não me canso em tanto a admirar
Pelo tempo que for... perdura
A rara beleza das Estrelas no delicado “cintilar”

Assim, na “relva” deitada, acomodada
Viajo por essa “estrada”
E, com “olhos fechados”
Como não sentir a delícia de você ao meu lado?

Juntinho, aquele sussurrar, como antigamente e belas palavras escuto
Pelos maravilhosos beijos, infelizmente, ainda o “luto”
Bem sabe que neste encantado viver
Por eles “luto” para finalmente acontecer

Amedronta-me o amanhecer
Súbito o acordar sob o Sol a “pino”
“Olhos abertos”, por certo, novo destino
Mesmo em “fantasia” sem ter você

Das “Estrelas”, que pena! Estão indo embora
Centenas delas pelos “Céus” evaporando
O coração chora! Por saber não mais as ver cintilando
Em verdadeira “delícia” como estava até agora

A emoção permanece de mansinho
Por fora da “relva” irei estar
Partindo à procura de outro “ninho”
Para somente de você poder recordar





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Traços poéticos

Por Marilu F Queiroz

Publicitária, Escritora e Aquarelista. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie/SP. Assoc. REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras. Livro de contos, didático e dissertação sobre arte. Textos em antologias e revistas eletrônicas- Brasil, EUA, França, Itália, Portugal e Suíça.

No papel, as letras dançam em harmonia,
como uma música suave que o vento traz...
O poeta se perde e mergulha na cadência,
de sentimentos que o tempo nunca desfaz.

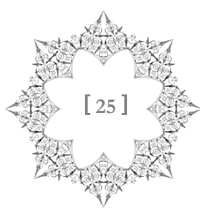
Assim nasce o poema, em sua essência,
um reflexo da alma, sincero e profundo...
É o sentimento que aflora, sem hesitar,
versos que saem do coração ao mundo.

Poemas nascem plenos de sentimento,
como estrelas brilhantes na noite escura.
São faróis que guiam meu pensamento,
nessa jornada poética, que se perpetua.

Na quietude da mente, um sopro vem,
é o sentimento que aflora, sem hesitar...
Palavras dançam como um terno poema,
do coração que insiste em se expressar.

A emoção e a razão sempre se misturam,
e juntas constroem uma doce harmonia...
Palavras fluem como uma linda canção,
que tece a trama da mais genuína poesia.

Assim, o poema finaliza e ganha vida...
Repleto de muito sentimento e emoção.
É uma história que jamais será esquecida,
pois foi tecida com fios de pura inspiração.





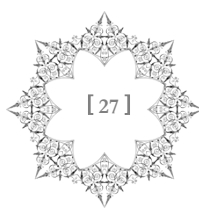
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Vazio

Por Moira

Christiane nasceu em 1966. Graduiu-se Farmácia e Bioquímica(UNESP),1988; seguiu carreira docente na mesma faculdade (1990-2022). O sentimento de perda de seu pai e solidão foram chaves para sua inspiração poética.

Regada a um bom vinho.
Medita o seu caminho.
Desfruta a imensidão.
Descobre novo carinho.
Revive o descaminho.
Renova pueril posição.
Trabalha se eu sozinho.
Reedita seu pergaminho.
Define triste opção:
De desejar companhia,
A arder nessa calma-ria,
Acompanhada da solidão.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A chegada

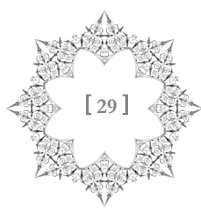
Por Rosane Jovelino

Rosane Jovelino é uma mulher negra quilombola da comunidade Kaonge, em Cachoeira (BA). Administradora Financeira, escritora, poeta e sambadeira, ela atua na comunicação do Núcleo de Mulheres Quilombolas da Bacia e Vale do Iguape – Marias Filipas. É autora do livro de poesias Patuá, lançado em 2019 e em formato de audiolivro em 2021.

Instagram: @sane_viana

Facebook: Rosane Jovelino

A lua passa, abrindo caminhos.
No silêncio, outros se despedem, guardando histórias.
Entre árvores e vagalumes,
do Quilombo Dendê ao Quilombo Kaonge,
do Engenho da Ponte ao Calembá...
os pássaros anunciam tua chegada,
nas asas do tempo.
A memória viva escuta
e acolhe o perfume das tuas mãos,
que, desde cedo, embalavam com amor.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Fluidez

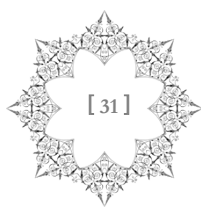
Por Rosane Jovelino

Rosane Jovelino é uma mulher negra quilombola da comunidade Kaonge, em Cachoeira (BA). Administradora Financeira, escritora, poeta e sambadeira, ela atua na comunicação do Núcleo de Mulheres Quilombolas da Bacia e Vale do Iguape – Marias Felipas. É autora do livro de poesias Patuá, lançado em 2019 e em formato de audiolivro em 2021.

Instagram: @sane_viana

Facebook: Rosane Jovelino

A água fluida, entregue ao tempo,
ao sabor do vento, do sol e do luar,
gira pelos caminhos ancestrais,
dança na brisa,
segue o curso que a chama.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Somos menos mundo

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

"Somos menos humanidade" ...
expressão que não é minha,
há pouco, ouvida, sobre a morte
de uma pessoa qualquer,
parte desta congestão global:
pela morte de algum humano ...
humanidade diminuída.

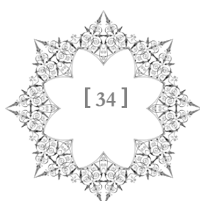
E fico a pensar... há muito mas muito
mesmo, que o muito,
mas muito maior Mundo, menos já somos! ...
Cada degradação, cada ação
contrária à Natureza, nos diminui.
Diminui-nos tão profundamente
que esse assunto, evitamos deflagrar.

Desflorestamento sem retorno ...
menos Mundo.
Caça às baleias ...
Matança dos animais selvagens ...
menos Mundo.
Fogo-posto na Natureza ...
menos Mundo.
Tortura dos outros animais ...
menos Mundo.
Abandono dos animais "domésticos" ...
menos Mundo.

E nos outrora intocáveis
"paraísos naturais",
poluição geral a se instalar ...
um marco de destruição com a nossa "marca".

Com o nosso despudor e aviltamento...
menos Mundo...
menos Mundo...
menos Mundo!...

Para nos alarmar, mais o quê seria preciso?
Para nos mostrar que, como um todo,
continuamente, só nos diminuímos...
o quê mais?
A cada átimo do tempo que não espera...
somos menos Mundo.
Ousaria mesmo dizer: somos outro mundo!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Azul e vermelho

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

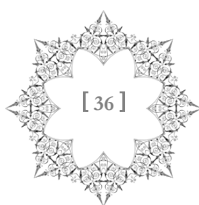
Minhas cores favoritas: azul e vermelho!
Mas acabaram por criar em mim,
nos tempos recentes,
um "vazio existencial" e um desgosto
sem limites!

Receptáculos de ignorância e frustrações,
agora, as cores se tornaram.
Conceitos abstratos e medievais
penhorando a esperança de milhões.

Araras azuis... naturalmente róseos
flamingos...
o gênero não afeta nem acata.
Aceitar-se-ia a rosa vermelha
ser dos jardins, exonerada?

Absurdos a gerarem desconforto
e desilusão!...
Quando é tacanho o cérebro,
o que importa, não absorve,
nem luz enxerga e no breu, reside.

E, na sua lucidez, Freud já afirmava
"amadureçam e enfrentem os problemas...
senão à infantilidade, para sempre
condenados, estarão"... estaremos.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Embrulhados

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

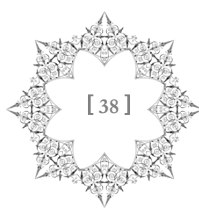
Virando piada esta confusa
palavra: "honestidade".
A cobrar "verdades".
E a oferecer... e a revelar?
Muitos a exigem... poucos
as próprias contas, mostram.

Na sua sombria origem
vagueou entre opções.
Incontáveis privilégios
e unilaterais honrarias.
Mesmo malversada...
Ilusória e tão falseada!

No meio de controles,
variáveis descontroles.
Aos outros, a ser ignorada
e a seu favor, a ser "vestida".
Redefinindo o seu valor...
Circular jocosidade.

Mudam-se os tempos.
As estações passam...
Séculos, em milênios
se juntam... e páginas,
na incerteza do dia a dia,
viradas ou queimadas.

Nos ângulos da equação,
não vingou como norma,
a tal da "honestidade".
Talvez tenha caído
em alguma relatividade
constantemente, ponderada.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Foco

Por Sellma Luanny

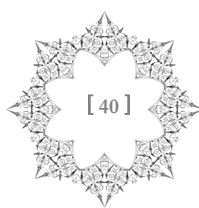
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Caminhando a passos lerdos,
com réguas e esquadros, muito retos...
insípidos meios... acostumei.

No subconsciente, talvez,
a já predeterminada razão
da ordem dos fatores... inversa.

Sem embasado empenhamento,
a seguir devagar... subjugada, a minha hora.
Afinal, em meio a contendias, que direção tomar?

Do ser, viver em grupos, a real limitação.
Prudência! Focar para menos errar...
Ser livre na consciência... talvez.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Entre laços naturais

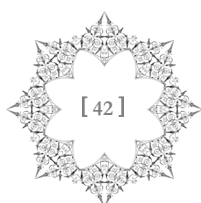
Por Silvana Cândido

Nascida em São Gonçalo, Rio de Janeiro, enfermeira e terapeuta integrativa, atua na Universidade Federal do Rio de Janeiro como técnica administrativa, Silvana Cândido participa de algumas antologias poéticas entre elas Diurnos do Projeto Mentes errantes, Além das palavrinhas da editora Casa kids, o romance independente Gaivotas na Janela e o de não ficção: O amor, a ciência e a fé pela editora Perpétuo.

Na sinfonia da vida, somos nós que enlaçamos melodias,
Umas finas, outras grossas, em doce harmonia.
Como a frequência cardíaca, ora rápida, ora lenta,
Nós que se entrelaçam, numa dança que não se contenta.

Nem sempre nossa trajetória é uma linha reta, linear,
Pois nos nós de emergência, quando tudo parece parar,
Ali, os sonhos se desfazem, a esperança se vai,
Mas é nesses nós que a força renasce e não se desfaz.

Assim é a jornada da vida, um constante vai e vem, como as ondas do mar,
Entre a luz e a escuridão, o amor e o desdém.
Mas em cada batida do coração, um nó que ressoa,
Na beleza da vida, são os nós de gratidão, que mesmo nas quedas, liberam uma canção.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A garotinha em mim

Por Victor Hugo Levindo

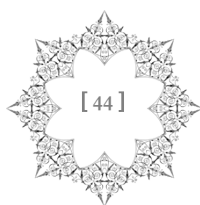
Victor Hugo Levindo de Oliveira, natural de São Paulo, é bibliotecário e poeta. Escreve desde a infância, quando passou a frequentar as bibliotecas do bairro e a se encantar pelas obras que lia. Atualmente, busca compartilhar sua escrita como forma de se conectar com o mundo, explorando na poesia um espaço de escuta e reflexão, onde procura expressar temas sensíveis do cotidiano.

Estou aqui como uma garotinha,
E você se inscreveu em mim.
Perdi-me na expectativa
De ser tão sua, enfim.

Você me abraça em calma,
Seus lábios tocam os meus.
Mas eu, tão frágil e covarde,
Me afasto dos braços teus.

Meu coração, este que corre maratonas
Mas no amor não sabe caminhar,
Se enlouquece
Com este o teu olhar.

Mas esta noite, ah, esta noite,
Não irei mais recuar.
Entrego-te o meu coração
Que um dia... deixou de amar.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Sob teu olhar

Por Vinicius Augusto de Souza

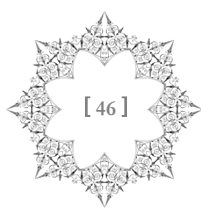
Natural de São José dos Campos-SP e funcionário público desta cidade desde 2018. Não é poeta profissional, mas encontrou na escrita uma forma de atravessar o silêncio da depressão. Este é o primeiro concurso literário de que participa.

Uma vanda amarela
desabrocha, tão bela
sob o teu olhar,
sutil ao contemplar

o contorno das folhas,
uma gota que as molha
e uma joaninha que pousa,
serena e delicada,
na beirada de uma flor.

Enquanto isso, o tempo escorre;
o sol, em despedida,
beija o céu com doçura,
e a lua, com leve ternura,
assume a noite florida.

Ilumina o caminho
com brilho e carinho,
guiando teus passos
de volta aos abraços
do teu amor.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Busco

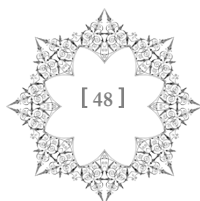
Por Vinicius Augusto de Souza

Natural de São José dos Campos-SP e funcionário público desta cidade desde 2018. Não é poeta profissional, mas encontrou na escrita uma forma de atravessar o silêncio da depressão. Este é o primeiro concurso literário de que participa.

Busco dentro de mim
uma razão para ser
ou para não ser,
para estar aqui ou acolá,
para começar
ou terminar,
para dizer adeus ou olá.

Busco dentro de mim
uma razão para sorrir
ou para chorar,
para dormir
ou para acordar,
para prender a respiração
ou soltar o ar.

Busco dentro de mim
uma razão para viver
mais um segundo,
para levantar todos os dias
e suportar a grosseria
do mundo.





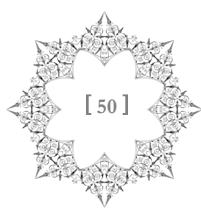
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Som do que sinto

Por Vinicius Augusto de Souza

Natural de São José dos Campos-SP e funcionário público desta cidade desde 2018. Não é poeta profissional, mas encontrou na escrita uma forma de atravessar o silêncio da depressão. Este é o primeiro concurso literário de que participa.

A música me abraça
quando o mundo me larga.
Traduz meu silêncio
em notas que doem,
pausas que pesam,
lágrimas que não caem.



**CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

**VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG**

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI